

16/5/1984

Os bóias-frias reunidos em Bebedouro protestam

Dez caminhões transportando "bóias-frias" e laranja foram interceptados ontem por cerca de 500 pessoas, em Bebedouro, que chegaram a provocar danos nos veículos. A situação pode agravar-se hoje — diante do movimento de reivindicação para aumento do preço pago pela colheita da fruta —, motivando o sindicato dos trabalhadores rural a divulgar, através das rádios da cidade (55 mil habitantes, maior produtora no País de laranja e suco de laranja), apelo às empreiteiras para que não levem pessoal para trabalhar nos pomares.

Segundo José Nunes do Nascimento, presidente do sindicato, o movimento de ontem não teve o seu apoio e foi uma iniciativa de grupos de trabalhadores. Desde segunda-feira, explica, os apanhadores de laranja — por decisão de assembléia geral com quatro mil participantes, realizada sábado à noite — se encontram em estado de "pré-greve", aguardando que as empreiteiras contratadas pelas indústrias de suco respondam à sua reivindicação.

Os apanhadores querem 200 cruzeiros por caixa de laranja colhida, entendendo que "isso nada mais representa do que a correção do preço pago no ano passado, que foi de 60 cruzeiros, além de a caixa de laranja ter sido adquirida pela indústria, em 1983, a 800 cruzeiros, estando hoje cotada em três mil cruzeiros". Mas as empreiteiras, até agora, se dispõem a pagar cem cruzeiros.

Depois da assembléia de sábado, foi dado prazo até sexta-feira para as empreiteiras fazerem nova proposta. É o que lembra o prefeito de Bebedouro, Sérgio Stamato (PDS), também citricultor e diretor da indústria Frutesp, que estranha o que aconteceu ontem. "A verdade é que, depois de insuflar seus associados, o sindicato dos trabalhadores perdeu o controle da situação", diz Stamato, que vem participando das negociações para reajuste do preço.

José Nunes admite que "o pessoal está revoltado contra o custo de vida, as indústrias de suco, as empreiteiras e contra o próprio sindicato". É assim que ele explica os piquetes formados nos locais em que os caminhões apanham os trabalhadores. Os manifestantes chegaram a usar facas para cortar pneus dos veículos, que também foram apedrejados, enquanto havia ameaça contra as sedes das empreiteiras de mão-de-obra.

Tudo isso aconteceu de manhã. À tarde, a Frutesp parou para evitar novos incidentes, e a outra indústria de suco de Bebedouro, a Cargill, localizada na zona urbana, pôde funcionar porque seus trabalhadores não dependem de transporte coletivo especial. Mas nenhuma das indústrias — e também os barracões de laranja — receberam ontem frutas para processamento. Havia um clima de tensão e o policiamento foi reforçado, agindo preventivamente. As empresas que transportam trabalhadores não se mostram dispostas a desafiar os piquetes.

(Página 38)